

# *Romantismo – Poesia – 1ª e 2ª Geração*

**E U**  
**P A S-**  
**S O**

**T U**  
**P A S-**  
**S A S**

**E L E**  
**R A-**  
**L A**

## ***Romantismo – Poesia – 1ª e 2ª Geração***

### **O Romantismo no Brasil: Primeira Geração**



*Flores (1873), de Agostinho José de Motta.*

O Romantismo surgiu no Brasil poucos anos depois de nossa independência política (1822). Por isso, as primeiras obras literárias e os primeiros artistas românticos mostravam-se empenhados em definir um perfil da cultura brasileira, no qual o nacionalismo era o traço essencial.

A história do Romantismo no Brasil confunde-se com a própria história política brasileira da primeira metade do século XIX. Com a invasão de Portugal por Napoleão, a Coroa portuguesa mudou-se para o Brasil em 1808 e elevou a colônia à categoria de Reino Unido, ao lado de Portugal e Algarves. Como decorrência desse fato, a colônia passou por uma série de

mudanças, entre as quais a criação de escolas de nível superior, a fundação de museus e bibliotecas públicas, a instalação de tipografias e o surgimento de uma imprensa regular. A dinamização da vida cultural da colônia e a formação de um público leitor (mesmo que inicialmente só de jornais) criaram algumas das condições necessárias para o surgimento de uma produção literária mais consistente do que as manifestações literárias dos séculos XVII e XVIII.

Com a independência política, ocorrida em 1822, os intelectuais e artistas da época passaram a dedicar-se ao projeto de criar uma cultura brasileira identificada com as raízes históricas, linguísticas e culturais do país.

O Romantismo, além de seu significado primeiro – o de ser uma reação à tradição clássica –, assumiu em nossa literatura a conotação de movimento anticolonialista e antilusitano, ou seja, de rejeição à literatura produzida na época colonial, em virtude do apego dessa produção aos modelos culturais portugueses.

Portanto, um dos traços essenciais de nosso Romantismo é o *nacionalismo*, que, orientando o movimento, abriu-lhe um rico leque de possibilidades a serem exploradas, entre as quais o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e linguística, além da crítica aos problemas nacionais – todas posturas comprometidas com o projeto de construção de uma identidade nacional.

A publicação da obra *Suspiros poéticos e saudade* (1836), de Gonçalves de Magalhães, tem sido considerada o marco inicial do Romantismo no Brasil. A importância dessa obra, porém, reside muito mais nas novidades teóricas de seu prólogo, em que Magalhães anuncia a revolução literária romântica, do que propriamente na execução dessas teorias.

### As Gerações do Romantismo

Tradicionalmente são apontadas três gerações de escritores românticos. Essa divisão, contudo, engloba principalmente os autores de poesia. Os romancistas não se enquadram muito bem nessa divisão, uma vez que suas obras podem apresentar traços característicos de mais de uma geração.

Assim, as três gerações de *poetas* românticos brasileiros são:

- **Primeira Geração:** nacionalista, indianista e religiosa. Nela se destacam Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães.
- **Segunda Geração:** marcada pelo “mal do século”, apresenta egocentrismo exacerbado, pessimismo, satanismo e atração pela morte. Seus principais representantes são Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire.
- **Terceira Geração:** formada pelo grupo condoreiro, desenvolve uma poesia de cunho político e social. A maior expressão desse grupo é Castro Alves.

O Romantismo brasileiro contou com um grande número de escritores e com uma vasta produção, em diferentes gêneros, que, em resumo, podem ser assim apresentados:

- **Na lírica:** Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Castro Alves e Sousândrade;
- **Na épica:** Gonçalves Dias e Castro Alves;
- **No romance:** José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora;
- **No conto:** Álvares de Azevedo;
- **No teatro:** Martins Pena, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo.

### Gonçalves Dias: Um Projeto de Cultura Brasileira



*Gonçalves Dias.*

Filho de um português e de uma cafusa, Gonçalves Dias (1823-1864) fez seus primeiros estudos no Maranhão, seu estado natal, e completou-os em Coimbra, onde cursou Direito. De volta ao Brasil, em 1845, trouxe em sua bagagem boa parte de seus escritos. Fixou-se no Rio de Janeiro e ali publicou sua primeira obra, *Primeiros cantos* (1846), seguida por outras publicações, como *Segundos cantos* e *Sextilhas de Frei Antão* (1848), *Últimos cantos* (1851) e *Os timbiras* (1857). Fez várias viagens pelo país, incluindo a Amazônia, e chegou a escrever um *Dicionário da língua tupi*.

Embora Gonçalves de Magalhães seja considerado o introdutor do Romantismo no Brasil, na verdade foi Gonçalves Dias quem implantou e solidificou a poesia romântica em nossa



literatura. Sua obra pode ser considerada a realização de um verdadeiro projeto de construção da cultura brasileira.

Gonçalves Dias, buscando captar a sensibilidade e os sentimentos do nosso povo, criou uma poesia voltada para o índio e para a natureza brasileira, expressa numa linguagem simples e acessível. Seus versos, tais como os de sua “Canção do exílio”, são melódicos e exploram métricas e ritmos variados. Cultivou também poemas religiosos, de fundo panteísta, que falam da manifestação de Deus na natureza.

Sua obra poética inclui os gêneros lírico e épico. Na épica, canta os feitos heroicos de índios valorosos, substitutos da figura do herói medieval europeu. Na lírica, tem como temas mais comuns a pátria, a natureza, Deus, o índio e o amor não correspondido.

### A Épica

Na produção épica de Gonçalves Dias destacam-se dois poemas: “I-Juca-Pirama” e “Os timbiras”, este inacabado.

“I-Juca-Pirama”, considerado o mais perfeito poema épico-indianista de nossa literatura, narra a história vivida por um índio tupi que cai prisioneiro de uma nação inimiga: os timbiras. O drama do prisioneiro reside nos sentimentos contraditórios provocados por sua prisão: de um lado, deseja morrer lutando, como guerreiro corajoso que sempre fora; de outro, deseja viver para cuidar do pai, doente e cego.

O prisioneiro é libertado e afirma que voltará a se entregar quando o pai vier a falecer. Os timbiras não acreditam em seu argumento e acusam-no de covarde. Posteriormente, o índio reencontra o pai, leva-lhe alimento, mas o velho, percebendo o cheiro das tintas e os ornamentos do ritual, descobre-lhe o segredo. Renega então o filho, leva-o de volta à tribo timbira e pede que ele seja sacrificado. No canto VIII, um momento de rara beleza, o pai amaldiçoa o filho. Em seguida, o índio luta bravamente, provando que não era covarde. No último canto são afirmadas as qualidades heroicas do guerreiro, que se transforma em mito nas tradições da cultura timbira. O título do poema, extraído da língua tupi, já sugere a sina de seu protagonista: “o que há de ser morto”.

Segundo a tradição dos árcades Basílio da Gama e Santa Rita Durão, Gonçalves Dias soube atualizar e dar nova dimensão ao tema indianista, a dimensão de que necessitavam a nação recém-independente e a cultura brasileira, em fase de definição e consolidação.

O herói do poema não é apenas um índio tupi: representa todos os índios brasileiros ou, ainda, todos os brasileiros, uma vez que o índio foi, durante o Romantismo, o representante da nossa nacionalidade. Além disso, ao focar e pôr em discussão valores e sentimentos humanos profundos, como a bondade filial e a honra, o poema supera os limites da abordagem puramente indianista e ganha universalidade.

“I-Juca-Pirama” representa em nossa cultura o passo decisivo para a transformação das manifestações nativistas da literatura colonial em manifestações conscientemente nacionalistas. O canto do índio tupi – misto de amor, honra e luta – assemelha-se ao do próprio poeta, também descendente de índios: um canto de amor à pátria e à raça ancestral; um canto de luta pela construção de uma poesia genuinamente brasileira.

### Leitura

O texto a seguir é o canto IV de “I-Juca-Pirama”. Conforme as tradições indígenas, o prisioneiro é preparado para um cerimonial antropofágico em que serão vingados os mortos timbiras. Ao lhe pedirem, como é próprio do ritual, que cante seus feitos de guerra e que se defenda da morte, o prisioneiro responde aos inimigos:

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fardo inconstante,  
Guerreiros, nasci:  
Sou bravo, sou forte, sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas  
De tribos inimigas,  
E as duras fadigas  
Da guerra provei;  
Nas ondas mendaces  
Senti pelas faces  
Os silvos fugaces  
Dos ventos que ameí.

Andei longes terras,

---

Lidei cruas guerras,  
Vaguei pelas serras  
Dos vis Aimorés;  
Vi lutas de bravos,  
Vi fortes – escravos!  
De estranhos ignavos  
Calcados aos pés.

E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os piagas coitados  
Já sem maracás;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinham traidores,  
Com mostras de paz.

Ao velho coitado  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? – Morrer.  
Enquanto descreve  
O giro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixai-me viver!

Aos golpes do inimigo  
Meu último amigo,  
Sem lar, sem abrigo  
Caiu junto a mi!  
Com plácido rosto,  
Seren e composto,  
O acerbo desgosto  
Comigo sofri.

Eu pai a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De pernas ralado,

---

Firmava-se em mi:  
Nós ambos, mesquinhos,  
Por ínvios caminhos,  
Cobertos d'espinhos  
Chegamos aqui!

O velho no entanto  
Sofrendo já tanto  
De fome e quebranto,  
Só qu'ria morrer!  
Não mais me contenho,  
Nas matas me embrenho,  
Das frechas que tenho  
Me quero valer.

Então, forasteiro,  
Caí prisioneiro  
De um troço guerreiro  
Com que me encontrei:  
O cru dessossego  
Do pai fraco e cego,  
Enquanto não chego,  
Qual seja, - dizei!

Eu era o seu guia  
Na noite sombria,  
A só alegria  
Que Deus lhe deixou:  
Em mim se apoiava,  
Em mim se firmava,  
Em mim descansava  
Que filho lhe sou.

Não vil, não ignavo,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.  
Guerreiro, não coro

---



Do pranto que choro;  
Se a vida deploro,  
Também sei morrer.

*(Poemas de Gonçalves Dias. Seleção de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 119-122.)*

**Acerbo:** doloroso, árduo.

**Deploro:** lamento, choro.

**Frecha:** flecha

**Fugace:** que foge veloz

**Ignavo:** covarde

**Imiga:** inimiga

**Ínvio:** intransitável

**Maracá:** chocalho usado pelos índios em solenidades guerreiras ou religiosas.

**Mendace:** mentirosa, traiçoeira

**Mi:** mim

**Piaga:** pajé

**Quebranto** abatimento, fraqueza

**Silvo:** assobio

**Talado:** devastado, arrasado.

**Troço:** corpo de tropas

**Vil:** moralmente baixo, desprezível.

### A Lírica

A poesia lírica de Gonçalves Dias é um dos pontos altos da lírica nacional. Empregando com sabedoria recursos que lhe deram formação clássica e lusitana, o poeta cultivou uma lírica de rica construção formal, equilibrada, sem cair nos exageros românticos e sem deixar, por isso, de ser plenamente romântico.

Como o árcade Cláudio Manuel da Costa, Gonçalves Dias também tinha em vista atualizar a produção literária brasileira e colocá-la à altura da que se realizava nas grandes nações europeias. Esse empenho se devia sobretudo à contemporaneidade da Independência e à necessidade que então se impunha de definição de uma cultura brasileira.

O equilíbrio de linguagem e os temas preferidos de Gonçalves Dias – natureza, religião, amor, solidão, pátria, índio, medievalismo – serviram de modelo a muitas gerações de poetas que o sucederam, tanto no Romantismo quanto em outros movimentos literários subsequentes. Para alguns estudiosos, Gonçalves Dias foi o primeiro grande poeta brasileiro e, entre os românticos, o melhor.

Leia o texto a seguir, considerado um dos mais belos poemas líricos de Gonçalves Dias.

**Leito de Folhas Verdes**

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo  
À voz do meu amor moves teus passos?  
Da noite a viração, movendo as folhas,  
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva  
Nosso leito gentil cobri zelosa  
Com mimoso tapiz de folhas brandas,  
Onde a frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,  
Já solta o bogari mais doce aroma!  
Como prece de amor, como estas preces,  
No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se  
Um quebrando de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva  
Um só giro do sol, não mais, vegeta:  
Eu sou aquela flor que espero ainda  
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,  
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,  
Vai seguindo após ti meu pensamento:  
Outro amor nunca tive: é meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,  
Não sentiram meus lábios outros lábios,  
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas  
A arasoia na cinta me apertaram.

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,  
Já solta o bogari mais doce aroma;  
Também meu coração, como estas flores  
Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir! Nem tardo acodes  
À voz do meu amor, que em vão te chama!  
Tupã! Lá rompe o sol! Do leito inútil  
A brisa da manhã sacuda as folhas!

*(Poemas de Gonçalves Dias, cit., p. 114-5.)*

**Arasoia:** saioite de pena usado pelas mulheres indígenas.

**Tapiz:** tapete.

Dando voz a um eu lírico feminino, o poema é a expressão de uma índia que, em vão, durante toda a noite, espera por Jatir, seu amado. O cenário de amor, composto pela integração da mulher com a natureza (uma natureza brasileira, real), por ricas imagens, comparações e sugestões táteis (“folhas brandas”, “lábios”, “arasoia”) e olfativas (“melhor perfume”, “doce aroma”), confere ao poema um erotismo que rompe com o comedimento do amor árcade, cheio de convenções, mas, ainda assim, com a ausência de Jatir, mantém-se na perspectiva romântica do amor irrealizado.

## O Ultrarromantismo



*Divina Comédia, de William Blake.*

Algumas décadas depois da introdução do Romantismo no Brasil, a poesia ganhou novos rumos com o aparecimento dos ultrarromânticos. Esses poetas, desvinculados do compromisso com a nacionalidade assumido pela primeira geração, desinteressavam-se da vida político-social e voltavam-se para si mesmos, numa atitude profundamente pessimista. Como forma de protesto contra o mundo burguês, viviam entediados e à espera da morte. Os jovens e os estudantes de hoje encontram diferentes maneiras de protestar contra os valores sociais ou contra o poder instituído. Alguns se organizam em associações ou agremiações estudantis e se manifestam em jornais, assembleias que pertencem a elas, pintam os cabelos, usam coturnos, roupas rasgadas; ou usam pulseiras e colares de metal, roupas pretas com caveiras estampadas, *piercings*, cabelos longos.

Durante o Romantismo, nas décadas de 1850 e 1860, jovens poetas universitários de São Paulo e do Rio de Janeiro reuniram-se em um grupo que deu origem à poesia romântica brasileira conhecida como *Ultrarromantismo*.

Sem acreditar nas ideias e valores que levaram à Revolução Francesa e sem ter nenhum outro projeto, essa segunda geração romântica sentia-se como uma “geração perdida”. E a forma

encontrada para expressar seu pessimismo e o sentimento de inadequação à realidade foi, no plano pessoal, levar uma vida desregrada, dividida entre os estudos acadêmicos, o ócio, os casos amorosos e a leitura de obras como as de Musset e Byron, escritores cujo estilo de vida imitavam.

No plano literário, essa geração caracterizou-se por cultivar o “mal do século”, uma onda de pessimismo que se traduzia em atitudes e valores considerados decadentes na época, como atração pela noite, pelo vício e pela morte. No caso de Álvares de Azevedo, o principal representante do grupo, esses traços foram acrescidos ainda de temas macabros e satânicos, o que aproxima o poeta de Horace Walpole, escritor inglês que alguns anos antes tinha dado início ao romance gótico, com *O Castelo de Otranto* (1765).

Os ultrarromânticos desprezaram certos temas e posturas da primeira geração, como o nacionalismo e o indianismo; contudo acentuaram traços como o subjetivismo, o egocentrismo e o sentimentalismo, ampliando a experiência da sondagem interior e preparando terreno para a investigação psicológica que, três décadas mais tarde, iria caracterizar o Realismo.

### O Medo de Amar

Em relação ao amor, as obras dos ultrarromânticos apresentam uma visão dualista, que envolve atração e medo, desejo e culpa. Segundo Mário de Andrade, escritor e crítico modernista, os românticos e, principalmente os ultrarromânticos, temiam a realização amorosa. Por isso, o ideal feminino é normalmente associado a figuras incorpóreas ou assexuadas, como *anjo, criança, virgem*, etc., e as referências ao amor físico se dão apenas de modo indireto, sugestivo ou superficial.

O ultrarromântico Casimiro de Abreu, por exemplo, no poema intitulado “Amor e medo”, evidencia seu medo de amar:

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!  
Ébrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucava com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a inocência que teu lábio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paus da terra.

.....



Se de ti fujo é que te adoro e muito,  
És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...

(In: Antônio Cândido e José A. Castello. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1968. v. 2, p. 44.)

**Pauis: brejos.**

Como se observa, o medo de amar, nesse poema, traduz-se no receio de macular a virgem, no temos de se entregar ao apelo dos sentidos e ferir a pureza da mulher amada. A imagem de “ano enlodado” dá a medida exata do ideal feminino para os românticos: mulher virgem, assexuada e incorpórea.

**Casimiro de Abreu: a Poesia Bem-Comportada**



*Casimiro de Abreu.*

**Meus Oito Anos**

Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
– Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é – lago sereno,  
O céu – um manto azulado,  
O mundo – um sonho dourado,  
A vida – um hino d’amor!

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,  
Naquele ingênuo folgar!  
O céu bordado d’estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar!

Oh! Dias de minha infância!  
Oh! Meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!  
Em vez das mágoas de agora,  
Eu tinha nessas carícias  
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
Da camisa aberto o peito,  
– Pés descalços, braços nus –  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,

---

Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis!

.....  
(In: Antônio Cândido e José A. Castello, *op. cit.*, p. 41.)

Esse conhecido poema tem como autor Casimiro de Abreu (1839-1860), um dos mais populares poetas brasileiros. Natural de Barra de São João, no Rio de Janeiro, Casimiro escreveu a maior parte dos poemas de sua obra, *Primaveras*, em Portugal.

Apesar de ligado à segunda geração da poesia romântica, Casimiro, quando surgiu no cenário literário carioca, ajudou a desanuviar o ambiente noturno que Álvares de Azevedo deixara ao morrer, sete anos antes.

Diferentemente do que ocorre na obra de Azevedo, em que amor confunde com morte, nos poemas de Casimiro o amor associa-se sempre à vida e à sensualidade – e este é um dos pontos altos de sua poesia. Contudo, a sensualidade de Casimiro – mais natural que em Álvares de Azevedo, porque mais concreta – ainda não atinge plena maturação. É uma sensualidade que se conserva ligada ao medo de amar, sempre disfarçada, fruto de insinuações e do jogo de mostrar e esconder.

Casimiro de Abreu destaca-se também pela abordagem graciosa de certos temas, como a infância, a pátria, a saudade, a solidão, a natureza, o amor – temas que agradavam ao público, já acostumado a eles.

Aproveitando-se de certas novidades introduzidas pela primeira geração, como as variações métricas e rítmicas, a forte musicalidade e o emprego de uma língua brasileira, Casimiro as utiliza até o esgotamento, numa época em que essas inovações já não eram ruptura, por estarem incorporadas ao gosto do público.

Com o tratamento brando que deu aos temas, Casimiro de Abreu não ampliou nem modificou os horizontes do Romantismo brasileiro – a inovação por ele proporcionada ficou circunscrita à abordagem mais natural da sensualidade. Entretanto sua poesia contribuiu para a consolidação e para a popularização definitiva do Romantismo entre nós.

### Segredos

Eu tenho uns amores – quem é que os não tinha  
Nos tempos antigos? – Amar não faz mal;  
As almas que sentem paixão como a minha,  
Que digam, que falem em regra geral.

- A flor dos meus sonhos é moça bonita  
Qual flore entr'aberta do dia ao raiar;

Mas onde ela mora, que casa ela habita,  
Não quero, não posso, não devo contar!

.....

Oh! Ontem no baile com ela valsando  
Senti as delícias dos anjos do céu!  
Na dança ligeira qual silfo voando  
Caiu-lhe do rosto seu cândido véu!

- Que noite e que baile! – Seu hálito virgem  
Queimava-me as faces no louco valsar,  
As falas sentidas, que os olhos falavam,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,  
Fugimos das salas, do mundo talvez!  
Inda eras mais bela rendida ao cansaço,  
Morrendo de amores em tal languidez!

- Que noite e que festa! E que lânguido rosto  
Banhado no reflexo do branco luar!  
A neve do colo e as ondas dos seios  
Não quero, não posso, não devo contar!

.....

- Agora eu vos juro... Palavra!! – não minto!  
Ouvi a formosa também suspirar;  
Os doces suspiros, que os ecos ouviram,  
Não quero, não posso, não devo contar!

Então nesse instante nas águas do rio  
Passava uma barca, e o bom remador  
Cantava na flauta: - “Nas noites d’estio  
O céu tem estrelas, o mar tem amor!”

E a voz maviosa do bom gondoleiro  
Repete cantando: - “viver é amar!”

Se os peitos respondem à voz do barqueiro...  
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a boca emudece  
Mas sentem-se os pulos do meu coração!  
Seu seio nevado de amor se intumesce  
E os lábios se tocam no ardor da paixão!

- Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,  
Com fina malícia quereis me enganar,  
Aqui faço ponto; - segredos de amores  
Não quero, não posso, não devo contar!

*(Poesias completas de Casimiro de Abreu. Rio de Janeiro. Ediouro, s.d. p. 61-3.)*

**Cândido:** imaculado, puro.

**Colo:** parte do corpo formada pelo pescoço e pelos ombros.

**Indolente:** preguiçosa.

**Intumesce:** incha, torna-se túmido.

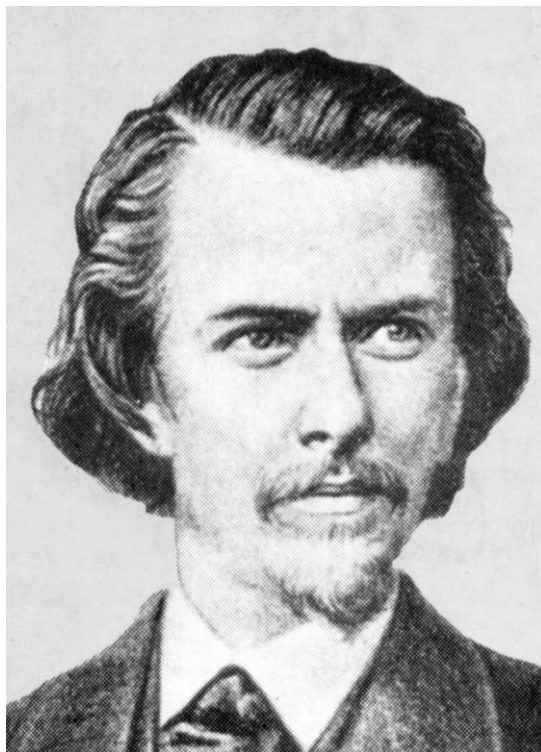
**Lânguido:** abatido, sensual.

**Maviosa:** suave, harmoniosa.

**Silfo:** gênio do ar, na mitologia céltica.

**Fagundes Varela: uma Poesia em Transição**



*Fagundes Varela.*

Fagundes Varela (1841-1875) nasceu em Rio Claro, no Estado do Rio de Janeiro. Estudou Direito em São Paulo, onde se casou com uma prostituta.

Dessa união, nasceu o filho primogênito, que veio a falecer com apenas três meses de vida. Amargurado, entregou-se à vida boêmia e ao álcool. Os últimos anos de vida passou-os longe das grandes cidades, buscando refúgio na religião e no contato com a natureza e com pessoas simples. A poesia que produziu nessa fase reveste-se de preocupação espiritual e apresenta caráter panteísta.

Parte de sua obra poética mostra atitude comuns ao grupo ultrarromântico, como o pessimismo, a solidão e a morte. Nos versos a seguir, por exemplo, Fagundes Varela aborda a sensação de ser um estranho entre as pessoas, de sentir-se só em meio à multidão.

### **O exilado**

O exilado está só por toda a parte!  
Passei tristonho dos salões no meio,  
Atravessei as turbulentas praças  
Curvado ao peso de uma sina escura;  
As turbas contemplaram-me sorrindo,  
Mas ninguém divisou a dor sem termos

Que as fibras de meu peito espedaçava.  
O exilado está só por toda a parte!  
[...]

Apesar da inclinação ao pessimismo, há na obra de Varela prenúncio de rumos novos, que conduzem à geração seguinte. Por exemplo, em vez de egocêntrica, sua poesia já se volta para os problemas sociais e políticos do Brasil; em alguns poemas faz a defesa da pátria, do índio e da nacionalidade, e critica a escravidão. Quanto à forma, Varela introduz o tom grandiloquente da oratória e a abundância de imagens. Tanto essas inovações de conteúdo quanto as de forma foram mais tarde retomadas e ampliadas por Castro Alves, poeta da terceira geração.

### **Cântico do Calvário**

Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre o mar de angústia conduzia  
O ramo da esperança. Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro  
Eras a messe de um dourado estio  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, a inspiração, a pátria,  
O porvir de teu pai! – Ah! no entanto,  
Pomba, - varou-te a flecha do destino!  
Astro, - engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, - caíste! – Crença, já não vives!

.....

Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Criador dos seres! Tu me falas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe?  
No vulto solitário de uma estrela.  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!

Brilha e fulgura no azulado manto,  
Mas não te arrojes, lágrimas da noite

---

Nas ondas nebulosas do ocidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudir o pó das asas,  
Escada de Jacó serão teus raios  
Por onde asinha subirá minh'alma.

*(In: Antônio Cândido e José A. Castello, op. cit., p. 53-8)*

## Exercício

### 1. TEXTO I

#### Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o Sabiá.

*DIAS, G. Poesia e prosa completas. Rio de Janeiro: Agilar, 1998.*

### TEXTO II

#### Canto de Regresso à Pátria

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase tem mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que eu veja a rua 15  
E o progresso de São Paulo

*ANDRADE, O. Caderno de poesia do aluno Oswald. São Paulo: Círculo do Livro. s/d*

Os textos I e II, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista à distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) O ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, e o tom de que se revestem os dois textos.
- b) A exaltação da natureza é a principal característica do texto II, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto I.
- c) O texto II aborda o tema da nação, como o texto I, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- d) O texto II, em oposição ao texto I, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e) Ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.



## ***Gabarito***

1. C